

**CIÊNCIAS SOCIAIS COM MARIA:
pesquisas empíricas sobre o Reinado**

***SOCIAL SCIENCES WITH MARY:
empirical researches about the “Reinado”***

Flávia Ferreira Pires*

PEREZ, Léa Freitas; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros. **Variações sobre o Reinado: um rosário de experiências em louvor a Maria.** Porto Alegre: Medianiz, 2014. 208p.

Esta resenha apresenta criticamente as ideias gerais contidas no livro *Variações sobre o Reinado. Um Rosário de Experiências em Louvor a Maria*, organizado pela professora titular Léa Freitas Perez, da Universidade Federal de Minas Gerais, e por seus ex-alunos Marcos da Costa Martins e Rafael Barros Gomes. Reunindo oito artigos elaborados a partir de pesquisas de campo sobre (e com) Nossa Senhora e as congadas (ou reinado) em Minas Gerais, traz também uma pequena apresentação e uma conclusão, além do prefácio escrito por Mauro Passos, que salienta a criatividade e ao mesmo tempo o rigor teórico da coletânea, a orelha assinada por Carlos Steil, que ressalta a importância no livro para pensar as questões do catolicismo atual, ao mesmo tempo em que congratula os autores pela “beleza” do que nos é servido, como um “mesa posta com o requinte da etiqueta e da civilidade”, e a quarta-capa assinada por Otávio Velho, que celebra a raridade do livro: obra coletiva, mas “harmoniosa”, “tão ousada e provocadora”.

Por isso, em tom pouco corrente, mas sem sintonia com o livro, começo essa resenha desaconselhando a leitura da coletânea de artigos nas seguintes circunstâncias: caso o leitor seja pouco afeito à reflexão criativa e inventiva; acredite na lógica cartesiana como solução para os problemas heurísticos das ciências sociais; e pense que seja viável fazer uma boa pesquisa mantendo-se neutro em relação aos seus “objetos”. Caso o caro leitor se veja refletido em algumas

* Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ/Brasil), professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), editora da Revista Política & Trabalho. E-mail: ffp23279@pesquisador.cnpq.br

das três circunstâncias, gostaria de desaconselhar fortemente a leitura do livro, assim como a continuidade da leitura dessa singela resenha.

De outro lado, o livro é fortemente indicado aos espíritos livres, aos que não têm medo de pagar com a própria alma, no sentido maussiano, pela sua experiência no campo; aos que se lançam ao ofício de cientista social como um artesão, com delicadeza e com humildade; aos que, novamente como o grande demiurgo, Mauss, não se contentam com as respostas já encontradas, mas a cada *insight* lançam-se em um novo empreendimento de pesquisa, sempre fazendo outras maiores perguntas, com a benção, Guimarães Rosa. Como lemos na quarta-capa, os textos reunidos “são produtos do amor ao reinado e ao rosário de Maria”, ou seja, não é o tipo de leitura que se encontra facilmente nas ciências sociais.

Chama atenção do leitor o formato não convencional da escritura proposta, que mistura as vozes, muitas vezes numa harmoniosa “composição”, como afirma Velho, noutras como em um diálogo franco no qual é possível, por vezes, mas nem sempre, identificar quem fala. O recurso usado para esse efeito é o colchete e a chave que, de tempos em tempos, irrompem no texto, convidando a reflexão a um bailado, muitas vezes em direção a prosas teóricas e outras na rota das prosas poéticas.

O “Pequeno in-forme” escrito por Léa Freitas Perez, professora titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais, informa que muitos dos trabalhos ali apresentados são resultado de orientações de mestrado e doutorado ou nasceram da sala de aula. Nesse sentido, podemos dizer que a maioria dos textos nasceu de etnografias de congadas de Minas Gerais elaboradas em Minas Gerais, na UFMG e no Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis (CER). A harmonia da composição é, provavelmente, resultado de diálogos dentro e fora dos limites do texto, realizados em sala de aula e em conversas de orientação. Em alguma medida, são pesquisas coletivas inspiradas pelo modo de produção de conhecimento do Colégio de Sociologia. Mas o livro também conta com pesquisas elaboradas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Brasília (UnB). A ideia do livro surgiu de uma conversa com o professor José Jorge de Carvalho e a professora Rita Segato.

“Duas memórias e um esquecimento: à guisa de introdução”, escrita pelos três organizadores, serve como introdução à potência e ao argumento do livro. Léa Freitas Perez traz o esquecimento e os outros dois autores as memórias. O texto é uma revisão de outro publicado em 2012 na revista *Lampejo* e discorre sobre memórias de infância das relações com o divino espetacular. Esse narrar do passado é acompanhado de uma voz teórica, que caminha junto, que ajuda a esquecer, para se recordar com mais propriedade.

“O cortejo da Virgem” de Marcos da Costa Martins, é um texto largamente histórico, ou hi[e]stórico, como afirmam os organizadores, que traça o percurso de devoção à virgem, atentando para a sua “singular ligação com a salvação e com o paraíso” (MARTINS, 2014, p. 38). “Hi[e]stória”, grafado dessa maneira peculiar, visa ressaltar o *double bind* que o termo comporta e solicita como fato e artefato histórico, como evento e acontecimento socioantropológico, como real factual e construção imaginária e/ou discursiva”, como afirma Léa (PEREZ, 2014, p. 13). A exemplo desse, o livro traz alguns neologismos, atestando a sua força criativa e erudita. No texto

de Marcos, vai-se da religião grega, do culto de Isís às aparições das virgem Maria, chegando nas congadas mineiras de hoje em dia. Nesse processo, o Concílio de Trento teve papel importante ao, em 1563, oficializar o culto de Maria e dos santos, ressaltando os seus poderes de intercessão. É a partir daí que o culto mariano invade a América.

“Das Terras de lá às terras de cá: reis são reis”, de Rafael Barros Gomes, fala da relação entre a entronização de reis africanos e o império português, além da associação a poderes mágico-espirituais. O cenário do capítulo é o encontro de África, Portugal e Brasil, através de Nossa Senhora do Rosário. Seu rosário estabelece relação direta com o Rosário de Ifá, usado por sacerdotes africanos. Embora os congados brasileiros variem de região para região, assim como o maracatu pernambucano e as festas das taieiras sergipanas, para citar algumas, “a entronização de reis e a sua associação a poderes mágico-espirituais é uma constante que se vê associada à hi[e]stória maior da entronização de reis africanos e às recodificações operadas a partir do encontro deles com os portugueses” (GOMES, p. 82).

Em um contexto no qual o Brasil foi tido como essencialmente católico desde a sua fundação, como afirmam os pesquisadores da religião brasileira, como o reconhecido professor Pierre Sanchis, o capítulo “D’África ao Brasil: elementos hi[e]stóricos coformadores e estruturantes do congado belo-horizontino”, de Marcelo de Andrade Vilarino, fala da formação da religiosidade afro-brasileira a partir das irmandades negras devotas de Nossa Senhora do Rosário, pondo em foco grupos de congado da capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. O texto é uma contribuição para os estudos sobre a temática afro-brasileira através do abandono do “velho olhar centrado na violência da conversão sofrida pelos negros diante do imponente cristianismo católico” (VILARINO, 2014, p. 100), mas focando nos aspectos “tornados invisíveis pela pátina do tempo, mas que justificam para o fiel do congado dedicar sua vida à celebração de uma hi[e]stória que a rigor não se justificaria festejar” (p. 100).

“Lá no céu, cá na terra: mãe e rainha”, de Vânia Noronha, trabalha a festa de Nossa Senhora do Rosário pensando-a teoricamente, a partir dos conceitos de festa-fato e festa-questão ou festa em perspectiva e festa como perspectiva – para entender melhor esses conceitos, é imprescindível recorrer ao livro *Festa como perspectiva e em perspectiva*, publicado em 2012, e organizado pelas autoras Léa Freitas Perez, Leila Amaral e Wania Mesquita, uma compilação de artigos que condensam e, ao mesmo tempo, avançam definitivamente a discussão teórica sobre festa no Brasil. No texto de Vânia, a festa “transborda de transdutores hídridos, pelos quais se manifestam o patente [festa-fato] e o latente, onde estes são fermentados [festa-questão]” (NORONHA, 2014, p. 123). Para ela, “o congado é uma prática festiva, organizacional e educativa na qual os dois polos [patente/latente, festa-fato/festa-questão] se tencionam, equilibram-se e se relacionam de forma recursiva” (NORONHA, 2014, p. 104).

“Por uma poética das sombras: breves notas sobre o congado setelagoano”, de Taís Diniz Garone, vai tecendo, em tom poético, perguntas e considerações teóricas e metodológicas a partir do congano de Sete Lagoas, Minas Gerais, sem medo de aprender a ser pesquisadora e de viver a beleza e singularidade do instante.

“Em nome da mãe: tradição e *performance* na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte”, de Rubens Alves da Silva, evoca a figura de dona Joaquina como pioneira na fundação, no comando e controle da ordem na irmandade congadeira, além da sua função simbólica como rainha, na periferia de Belo Horizonte, problematizando tradição e *performance*.

“Da festa e de seus afetos: rastros de uma trajetória ou uma experiência com o sagrado [no congado] em Justinópolis”, de Juliana Aparecida Garcia Corrêa, pontuando Michel Leiris (1979), recorre à sua memória da infância para tratar do sagrado e da festa.

Finalmente, “Alguma [mínima] teoria e um pouco de hi[e]stória”, de Léa Freitas Perez, junto com seus outros livros e textos, *Festa, religião e cidade* (2011) e *Festa para além da festa* (2012), a título de exemplo, contribui para uma verdadeira teoria da festa. De simples epifenômeno (festa em perspectiva), a festa vira teoria e metodologia, um “através” dela (festa como perspectiva). Nesse sentido, história e filosofia são ferramentas importantes para a escrita acadêmica, compondo um quadro ampliado junto com a sociologia e a antropologia. Para Léa, “as festas são fundamentais na estruturação de nosso tecido societário, de nossas pautas de relacionamento, de nosso estilo de vida, de nossa sensibilidade ético-estética” (PEREZ, 2014, p. 177). Mas ela alerta para o perigo de “substancializar e reificar os pares tradição/festa, modernidade/guerra, encarcerando-os num eixo de evolução inelutável da humanidade. [...] reduzidos e congelados ao eixo duro da História teleológica e finalista, ao puro reino/cárcere do Social” (PEREZ, 2014, p. 194). É nesse sentido que a festa não é Social.

Já pensando em concluir, resalto que todo o livro entoa a delicada questão da tradução do vivido em texto, – “[...] como assentar em texto uma experiência viva?” –, pergunta Marcos da Costa Martins (2014, p. 58). É por meio de uma escritura coletiva, aos moldes do Colégio de Sociologia, recorrendo ao encontro com o outro e, necessariamente, consigo mesmo, que o livro responde à questão. Esse “outro” é o divino, a festa, a Santa, além dos congadeiros e brincantes. É um livro raro, bonito e emocionante, que nos faz sonhar com a possibilidade de fazer uma ciência social do “homem concreto”, “o francês médio, [...] o melanésio dessa ou daquela ilha” (MAUSS, 1974, p. 181), com a benção de Nossa Senhora, Amém.

Referências

- GOMES, Rafael Barros; MARTINS, Marcos da Costa; PEREZ, Léa Freitas. Duas memórias e o esquecimento ou de como a festa investe sobre o instante e preenche a memória, destruindo a palavra... **Lampejo**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 142-155, 2012.
- LEIRIS, Michel. Le sacré dans la vie quotidienne. In: HOLLIER, Denis. **Le collège de sociologie (1937-1939)**. Paris: Gallimard, 1979.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU-Edusp, 1974.
- PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianiz, 2011.
- _____. Festa para além da festa. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

Recebido em 28/06/2016

Aceito em 22/07/2016